

O Artista pelo Artista na Voz do Próprio

Francisco Cardoso Lima

DeCA | UA | FCT | PT

*entrevistas disponível para download (formato PDF) em
http://franciscocardosolima.com/download/o_artista_pelo_artista-zulmiro_de_carvalho.pdf*

*documento publicado com o consentimento expresso do respectivo artista,
depois de revisto e validado pelo próprio*

Entrevista a Zulmiro de Carvalho realizada em Valbom em 10 de Março de 2011 por Francisco Cardoso Lima (no âmbito do Doutoramento em Estudos de Arte da Universidade de Aveiro - com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

Francisco Cardoso Lima: Escolhi esta fotografia de grupo para o guião desta entrevista por me parecer que ela se relaciona com o primeiro tópico desta conversa.

Zulmiro de Carvalho: E também se relaciona com este lugar, com “O Lugar do Desenho”.

FCL: Coelho dos Santos, Fernando Pernes, Júlio Resende, Silvestre Pestana, Francisco Laranjo e o Zulmiro de Carvalho...

ZdC: Julgo que esta fotografia foi tirada em Chaves, numa altura em que foram lá feitas uma série de exposições.

FCL: Gostava então de começar pelo início, gostava de perceber o que o fez chegar às artes? Porque veio ter às artes?

ZdC: O percurso até às artes foi definido desde muito cedo. Terminei em 1958 o curso de Formação Profissional na Escola Soares dos Reis.

Por situações dramáticas de ordem familiar (a morte do meu pai) e pelas dificuldades entretanto surgidas, fui estudar à noite para a Escola Soares dos Reis para assim poder trabalhar de dia. Foi aí que encontrei um professor, o pintor aquarelista Valentim Malheiro (professor de desenho de figura) que me deu o primeiro impulso para ingressar nas Belas Artes. Curiosamente, era colega e amigo do mestre Júlio Resende. Ele aconselhou-me a não terminar o curso de Formação Profissional ali. Eu ainda hesitei e estive um ano apenas a trabalhar. No ano seguinte comecei a fazer na Soares dos Reis uma preparação para a prova de ingresso nas Belas Artes.

A vida não era nada fácil. Eu adoeci e estive dois anos num sanatório sem puder estudar. Foi um período onde vivi situações dramáticas que me levaram a grandes reflexões e a uma experiência humana que marcou a grande transição de jovem para adulto. Foi marcante a vários níveis.

FCL: Que idade é que tinha nessa altura?

ZdC: Vinte anos. Ainda antes de sair do sanatório permitiram-me frequentar a Preparatória de Belas Artes, em 1963.

Nessa altura, já tinha decidido que queria seguir escultura. Inclusivamente, já fazia umas pequenas maquetas (uma ainda foi utilizada e agora nem sei onde está essa escultura).

Não sei porque escolhi escultura... Talvez por vir de uma família de ourives. O meu avô e o meu pai foram ourives e a minha mãe também trabalhava na banca de ourives. Eu próprio, até aos 19 anos, fui também ourives. Nesse contexto, tive contacto com os metais e experiências com a tridimensionalidade. Hoje, coloco a hipótese de ter introduzido os metais na minha escultura, justamente, por essa experiência de ourives que tive em jovem.

FCL: A ligação parece inevitável....

ZdC: Sim. Quando falo sobre os metais há coisas que se ligam de forma muito forte e muito directa com essa experiência de jovem. Eu nasci numa oficina... e quando entrei nas Belas Artes sabia que queria escultura.

Pontualmente, tenho umas fugas para umas coisas cromáticas mas, ainda agora, prevalece o desenho monocromático e a escultura de grande contenção.

FCL: Depois da Escola de Belas Artes do Porto estudou em Inglaterra.

ZdC: Sim. Fui a pensar na escultura e à procura da grande experiência escultórica da escola inglesa dos anos 60. Anthony Caro, Phillip King, etc... Sempre tive, e tenho ainda, interesse em saber o que se passa na escultura.

--- --- ---

FCL: Como esta fotografia parece denunciar, juntava-se com os seus colegas durante a sua formação? Havia algo que os unia, havia uma dinâmica de grupo?

ZdC: Essa fotografia documenta aquilo que se chamavam Exposições Encontro. O grande dinamizador desses encontros era o mestre Júlio Resende. Ele pensava que a escola podia sair do seu edifício e ir para o exterior. Fizemos uma vintena ou mais de Exposições Encontro sem apoios ou subsídios, com os nossos próprios meios. Alunos e professores montavam e dinamizavam exposições e palestras...

Profissionalmente, tive uma ideia que não foi para a frente. Entendia, e entendo, a escultura como uma prática colectiva (e a minha experiência confirma-o). Tentamos criar uma espécie de... cooperativa ou associação de artistas ou de escultores, para poder partilhar um conjunto de recursos. Mas não funcionou. E acabei por criar um atelier utópico, que, na realidade, não tem o fim para que foi destinado. Agora utilizo um espaço pequeníssimo e cómodo, para ouvir música, para ler, para desenhar... Não precisa de ter nenhuma das características do atelier romântico com luz norte e etc...

Estou agora a trabalhar em maqueta a ideia para uma peça com 9 metros. Serão outros a resolver e a erguer a escultura fora desse meu espaço de trabalho.

FCL: O que precisa de um atelier? Qual é o seu atelier?

ZdC: Neste momento o meu atelier é uma coisa de carácter muito íntimo que poucas pessoas frequentam. É um espaço onde tenho muitos papéis, muitos livros, música, computador, jornais (gosto muito de jornais). E tenho também um armazém com caixotes com esculturas que foram e vieram de exposições. Não preciso de um atelier/oficina especializado em inúmeras técnicas e cheio de máquinas e ferramentas complexas.

FCL: O que faz no atelier.

ZdC: Não estou à espera da inspiração. A minha actividade é, acima de tudo, o pensamento. E é em momentos de maior calma ou serenidade que resolvo e respondo aos problemas e às questões que os meus trabalhos me colocam. E para isso não preciso de nenhum espaço privilegiado.

Para uma exposição que fiz na Galeria Alvarez, nos anos 70, Manuel António Pina fez um artigo para o Jornal de Notícias com o título “Onde as mãos não estão presentes”. Achei muito revelador daquilo que eu já pensava na época. Não preciso de ter a minha impressão digital gravada nas minhas esculturas.

--- --- ---

FCL: Demarcou-se cedo da ideia romântica de autoria...

ZdC: Sim, sim. Um texto muito bonito do Fernando de Azevedo, fala sobre a ausência de plintos nas minhas esculturas. De facto, as peças que expus na Galeria Quadrum, em 1982, não tinham plintos, nasciam do chão. Outro exemplo são as duas peças de ardósia recolhidas na pedreira, de grandes dimensões, para as quais apenas fiz uma estrutura metálica de ligação (prémio de escultura, 3ª exposição da Fundação Calouste Gulbenkian em 1986). No ano passado, a propósito dos 50 anos da Fundação Calouste Gulbenkian, voltaram a ser expostas.

FCL: Na altura, foi importante afirmar esse distanciamento da escultura de plinto e da marca do autor?

ZdC: Na altura, esse distanciamento surgiu através dum processo mental.

--- --- ---

FCL: Gosta muito de jornais... E leva para dentro desse seu espaço de trabalho tudo aquilo que o rodeia? Faz questão de levar para dentro do atelier a sociedade, política, religião, género, etc...

ZdC: Sim. Tenho lá dentro essas coisas todas.

FCL: Funciona com elas?

ZdC: Funciono. Até pelas constantes dúvidas que tenho e pela necessidade de me apoiar em diversas coisas para saber como é que lido com esta existência. Eu não tenho certezas...

FCL: O seu trabalho é muito depurado... Parece ser um trabalho íntimo, do próprio.

ZdC: Eu guardo tralhas, preservo coisas, e ideias também. Tenho necessidade de ter essa moldura. Mas, quando penso nos meus objectos, esse exagero, essa soberba, não aparece. Sou contido e pretendo passar essa ideia de contenção.

--- --- ---

ZdC: Nesta última década estive na Coreia por duas vezes, para participar em Simpósios Internacionais de Escultura. Eu chamo-lhes residências artísticas. Sou inserido num contexto totalmente diferente daquele em que vivo. Alimentação, colegas, ligações, processos de trabalho, língua, vivências... A nível profissional são experiências riquíssimas e as coisas resultam.

O meu trabalho, naquilo que diz respeito à ideia de escultura, mantém-se. Procuro as mesmas formas, utilizo o mesmo alfabeto, as mesmas obsessões.

--- --- ---

FCL: Parece-lhe que existe um grande quadro sobre o qual está a trabalhar? Está consciente que trabalha sobre esse grande quadro ou o grande quadro, a manifestar-se, é uma simples

consequência ou apenas um somatório de pequenos momentos? No seu trabalho há uma ideia maior?

ZdC: Não.

Vou fazendo, vou trabalhando e vou conquistando coisas que previamente não tinha.

A existir essa ideia maior, ela será consequência de um somatório de momentos e de ideias que logicamente conduzem ao trabalho final, passando por um período de investigação e insatisfação até à conclusão da obra. As coisas sucedem-se conforme vou respondendo e tentando resolver as interrogações que me são colocadas. O tempo parece-me sempre insuficiente.

Uma característica que cultivo é uma certa humildade.

FCL: Quando olha para trás não tem ideia que há um percurso que afirma qualquer coisa maior do que as obras individualmente?

ZdC: Pode ler-se alguma coerência nas abordagens que fui fazendo. Vejo que há uma preocupação na procura de uma linguagem, uma forma de dizer com um discurso não complexo ou excessivo. Tento utilizar um discurso simples... E o tempo foi passando e fui deixando coisas para trás...

FCL: A propósito da humildade já referida e sobre a sua forma de funcionar perante a criação artística... No seu processo de criação há uma procura pessoal, uma procura de si próprio através de um trabalho emocional e intuitivo ou trata-se de um processo racional, cerebral?...

ZdC: Penso que se trata de um processo muito mais racional e cerebral...

FCL: Não se coloca a si em jogo, em questão?

ZdC: Não, não... O meu processo de trabalho resulta das minhas aprendizagens, das minhas vivências, do conhecimento que vou adquirindo... Penso que são este tipo de questões que moldam a minha prática.

FCL: Considera-se mais racional do que intuitivo?

ZdC: Essa é uma questão curiosa. Penso que existe uma mistura entre intuição e razão e não sei qual é a importância de uma ou de outra. Acredito que apanhe um pouco da intuição e depois crio-lhe uma razão.

FCL: O fracasso, o erro, o equívoco, a crise, o acidente, o acaso, a deriva, ou a fronteira, a ruptura, a desconstrução, etc... são importantes no seu processo de criação? Aceita-os, valoriza-os?

ZdC: O fracasso, o erro, o equívoco, a crise, não. Mas o acidente sim, o acaso sim e a ruptura também. A desconstrução talvez não...

FCL: Pela sua experiência, parece-lhe que existe qualquer coisa comum na prática das artes plásticas. Algo transversal a todos os artistas plásticos? Pode existir um grande chapéu do processo de criação?

ZdC: Julgo que sim...

FCL: Algo não palpável que nos ultrapassa? Mais que metafísico, algo de inexplicável?

ZdC: Eu penso que sim, penso que tem que existir uma qualquer ligação entre os criadores. Mas não a sei definir...

Existe um todo, uma procura que os une... Algo que eu considero inexplicável.

FCL: Trata-se de uma ideia romântica...

ZdC: Sim, sim...

--- ---

FCL: Privilegia a relação entre os pares, entre artistas? Sente vontade de ir ter com os seus colegas?

ZdC: Sim. Sempre senti isso.

Nas Belas Artes existiam as Exposições Magnas, realizadas pela própria escola. Eram os professores quem seleccionavam os trabalhos e os expunham.

Um conjunto de alunos de Belas Artes criou as Exposições Extra Escolares no sentido de mostrarmos alguns trabalhos contrários àquilo que eram as indicações vindas da escola. Eu sou uma das pessoas que dinamizou uma 2ª vaga de Exposições Extra Escolares. Fizemos julgo que 4 ou 5 Exposições Extra Escolares com a ajuda de um conjunto de professores que apresentavam uma maior abertura, com catálogos que podem agora ser consultados.

E quando estávamos a terminar o curso de Belas Artes, convidámos para as Exposições Extra Escolares o Fernando Pernes, o Rui Mário Gonçalves e outras pessoas ligadas à teoria da arte. Como resultado dessa aproximação, o Rui Mário Gonçalves convidou-nos a expor na Galeria Buchholz, que o próprio dirigia. Eu, o Joaquim Vieira, o João Machado, o Álvaro Lapa, o Alberto Carneiro passamos pela Galeria Buchholz.

Fizemos ainda uma pequena exposição na Cooperativa Árvore “Porque Sim?... Porque Não?...” (1970), com 4 ou 5 artistas.

FCL: Essa é uma dinâmica muito próxima daquilo que me parece acontecer hoje. Essas estratégias parecem-lhe ser transversais?

ZdC: Sim, nesse primeiro momento. Posteriormente cada qual vai determinando o seu caminho pessoal.

FCL: Nos anos 60, as exposições colectivas desempenharam um papel fundamental. Hoje, parecem menos valorizadas... Considera importante ou procura expor com outros artistas num mesmo espaço expositivo?

ZdC: Não da mesma maneira como acontecia quando tinha 20 ou 30 anos.

FCL: E entusiasmo-se com exposições de outros artistas? É surpreendido?

ZdC: Sim. Desloco-me ao estrangeiro propositadamente para ver determinadas exposições. E sou surpreendido várias vezes...

Ao contrário dos seus canhões de “Shooting into the Corner” (2009) que não gostei, a nuvem do Anish Kapoor surpreendeu-me (“Cloud Gate”, 2006).

FCL: E o seu trabalho surpreende-o?

ZdC: Raramente. Interrogo-me muito e são mais as dúvidas que as certezas.

FCL: Procura ou sente necessidade da opinião de outros artistas sobre o seu trabalho? Gosta de ser reconhecido por um colega?

ZdC: Depois de eu ter terminado as obras, gosto de ouvir os outros. Não apenas artistas. Trata-se de qualquer coisa de carácter humano e não necessariamente apenas relacionado com a arte.

FCL: Nas artes plásticas, parece-lhe importante a opinião dos artistas sobre o trabalho desenvolvido pelos seus próprios colegas?

ZdC: Sim, mas... Como em todas as actividades humanas, também nas artes as coisas não me parecem estar devidamente equilibradas. Existem uma espécie de gurus (ou de filtros) que nem sempre abordam a totalidade das realizações artísticas.

Por outro lado, há portas que não se abrem para todos. Nas artes plásticas, Porto e Lisboa são realidades diferentes (ainda que o Museu de Serralves tenha vindo tentar equilibrar os pratos da balança). Por exemplo, acredito que o convite que recebi em 1983 para participar na bienal de S. Paulo deveu-se, também, ao facto de ter tido a oportunidade de apresentar o meu trabalho em Lisboa.

FCL: E em relação aos seus pares... Existe uma dinâmica reflexiva entre artistas?

ZdC: Após a realização do trabalho e depois da obra exposta... talvez... Mas parece-me ser mais fechado. Nos últimos anos tenho estado mais isolado... tenho tido um contacto menor com outros artistas...

FCL: Valoriza essa opinião vinda de um outro artista?

ZdC: Depende dos artistas mas, sim, tenho sempre um cuidado muito grande em ouvir aquilo que os outros artistas me dizem.

FCL: E parece-lhe que existem canais que proporcionam que o artista seja ouvido ou isso acontece de forma escondida? Parece-lhe que há vontade por parte do artista de se fazer ouvir?

ZdC: Profissionalmente, há conferências, há conversas, há outros eventos organizados a um nível individual...

Mas podem também existir vozes deturpadoras ou maledicentes, com vontade de amesquinhar aquilo que está à sua volta...

--- --- ---

FCL: Existe um discurso veiculado pela obra de arte, na ordem do estético. À parte desse, há um outro discurso que o artista pode construir fora do objecto artístico. Os vários manifestos

artísticos são um bom exemplo de como o artista, recorrentemente, utiliza outros veículos para fazer passar um outro discurso. Ou os títulos dos trabalhos ou os títulos das exposições ou os livros de artista...

Existem vários outros espaços para dizer fora do objecto artístico. Parece-lhe que há qualquer coisa que o artista tem para dizer que não cabe no objecto estético?

ZdC: Apenas vejo a necessidade desses outros discursos pela insuficiência do discurso contido na obra de arte.

No meu caso, quando não consigo dizer o que pretendo com um trabalho, tento, no próximo, resolver esse problema. E verifico que há discursos ou ideias que vão transitando de obra para obra. São insistências que não desaparecem. Talvez sejam permanentemente reestruturadas, sempre em busca do que não é fácil encontrar.

Em relação aos títulos das obras... Nem sempre necessitei de pôr títulos nas obras. Normalmente, não o fazia, mas agora, efectivamente, tenho vindo a utilizar os títulos como forma de acentuar daquilo que o próprio desenho já me parece dizer. Neste momento, tenho vindo a trabalhar as horizontais (e não me consigo desligar das horizontais...). Quando chamo "Horizonte" ao desenho de uma linha horizontal, é redundante e essa redundância também é importante...

--- --- ---

FCL: Várias vezes, quando pedem a um artista para ele próprio falar sobre o seu processo de trabalho ou sobre as suas obras, parece-me que o artista tenta mimetizar um discurso tipificado e associado àquele que é o discurso do crítico de arte, não utilizando aquilo que poderá ser um discurso próprio do criador.

Coloco a hipótese de existir um discurso próprio do artista, diferente dos discursos dos outros 'players' da esfera artística. Diferente do discurso do galerista, do comissário, do professor e, também, diferente do discurso do crítico de arte.

Parece-lhe que pode existir um discurso próprio do artista, diferente, por exemplo, do discurso do crítico de arte?

ZdC: O discurso do artista são os seus objectos artísticos. Eu não tenho outro discurso a não ser o resultado final do meu trabalho. E cabe ao espectador uma leitura própria. Cabe ao espectador descobrir.

FCL: E esta conversa... não é ela própria a construção de um discurso afim do artista, sobre o seu processo de trabalho e sobre as suas obras de arte?...

ZdC: Não sei, não sei... Tento ser sociável, educado e correcto. Não me fecho, não sou um bicho esquisito. Mas, e em relação às palavras, sou uma pessoa bastante contida.

Estou aqui a conversar consigo mas não tenho nenhum discurso em especial... Tento responder às questões que me são colocadas com toda a naturalidade, sem nenhuma máscara e com toda transparência, com verdade e sem qualquer transcendência em relação aos meus trabalhos...

FCL: Poderá ser esse, justamente, o seu discurso? Poderá ser esse discurso, simples e não teorizado, uma possibilidade para um discurso do artista diferente, por exemplo, do discurso do crítico de arte, estruturado, alicerçado, coerente, eloquente, assertivo?...

ZdC: Essa é uma questão com interesse perante a qual me estou agora deparar...

FCL: A existir, pode esse discurso do artista sobre a sua própria obra (ou sobre a obra de outros artistas) acrescentar uma outra perspectiva, distinta daquelas que outros 'players' acrescentam, por ser, ele próprio, um criador?

ZdC: Depende de quem o faz. Depende do crítico de arte, do galerista e, também, do artista. E eu não tenho esse discurso. Mas penso que pode ser verdade. Um artista pode ter uma leitura própria e diferente dos outros agentes. E não lhe chamo discurso... trata-se de uma leitura própria.

--- --- ---

ZdC: Agora, ao fazer-me este conjunto de perguntas, interrogo-me se eu não tenho também um discurso próprio. Esta conversa é-lhe útil? Interrogo-me, mas não preciso de ter resposta...

FCL: Tenho todo o gosto em responder-lhe (isso é algo que neste conjunto de entrevistas/conversas acontece com frequência).

Julgo que você mesmo acaba por colocar essa hipótese. E parece-me que esse é o seu discurso enquanto artista plástico.

ZdC: Sim, pode ser...

FCL: Posso fazer-lhe já, aquela que é, habitualmente, a última pergunta:

Acha que esta conversa é diferente daquelas que tem quando está perante outros operadores da esfera artística? Existe aqui, neste registo, algo particular, eventualmente por também eu estar ligado à criação?

ZdC: Não. A minha intervenção é sempre feita neste registo, no sentido de trazer algum acrescento de leitura àquilo que são estas vivências artísticas, no sentido de podermos esclarecer algumas dúvidas que possam existir.

--- --- ---

ZdC: E em relação à utilidade desta conversa?...

FCL: Não querendo estar aqui e agora a analisar esta conversa, não deixo de constatar uma certa tranquilidade, uma certa calma, simultaneamente uma certa solidez, simplicidade e transparência que acrescentam uma perspectiva, a sua perspectiva. Este, como todos os outros, são para mim momentos muito gratificantes.

ZdC: Quando tinha 30 anos pensava que ia conquistar o mundo. Sentia um qualquer fogo interior que me dizia que era possível abraçar uma carreira profissional na escultura.

Agora, com 70 anos, vejo que tracei um percurso enquanto escultor.

--- --- ---

FCL: Sobre o artista e os diversos agentes da esfera artística. Parece-lhe que a relação estabelecida entre ambos é aquela que melhor satisfaz o artista.

ZdC: Eu penso que não. Penso que ainda há um longo caminho a percorrer no sentido de serem criadas condições de criação, produção, exposição, comercialização.

FCL: Numa situação ideal, como vê a organização e a dinâmica entre os diferentes 'players' da esfera artística?

ZdC: Os artistas, e pensando principalmente nos mais jovens (mas não apenas neles), deveriam poder exercer a actividade profissional para a qual se formaram. Um pintor, um escultor, um escritor, um músico deviam estar disponíveis para o seu trabalho. Deviam poder realizar e produzir as suas obras, deviam poder extrapolar livremente. De outra forma, a sua liberdade de acção é comprometida por constrangimentos de ordem primária. E nem sempre isso é possível. Há, portanto, um conjunto de questões na nossa sociedade que não estão bem resolvidas.

FCL: Julgo que está concluído...

ZdC: Espero que tenha sido útil e que tenhamos posto mais uma pedrinha no edifício das artes.